

## UMA ANUNCIAÇÃO CABOCLA

Tarde calma de Inverno, o Sol se pondo, ouvi do nosso orientador o Prof. Júlio da Silveira Sudário, na esquina da Av. 15 de Novembro com a Sete de Setembro, bem defronte a casa do velho Sudário, deliciosos dropes históricos.

Relembrados, após tantos anos, os considero como as melhores crônicas não publicadas, pela simplicidade e o sabor picante como foram narradas.

O Júlio, caboclo, um 'legítimo', foi uma das únicas culturas de Italiópolis. Toda cidade que se preza carrega o peso de uma ironia socrática.

O homem falava sério e eu, católico de nascimento, fui associando as idéias sobre o evangélico comportamento de Nossa Senhora quando grávida.

Maria sentiu os sintomas, a menstruação cessou, as mamas ganharam em volume, um urinar ardentoso, sem que tivesse se deitado com o José ou outro homem de Nazaré. Uma bomba! Solteira grávida morria a pedrada. Costumes são costumes.

E em Italiápolis, haveria pedrada? O próprio Júlio, inteligência perspicaz, raciocínio rápido e maroto, contou-me algumas dessas Anunciações Caboclas de nossa cidade e das reações da sociedade buscando descobrir os presépios improvisados onde as jovens teriam se deparado com o 'mistério da encarnação'.

Entre as jovens italiapolitanas e a Maria, Mãe de Jesus, a diferença esteve na troca de anjo. Milagres acontecem e não escolhem hora e tampouco lugar.

A Maria foi assistida por Gabriel e as nossas moças da roça foram assistidas pelo Dr. Luiz, o brilhante parteiro da Santa Casa. Quase todas se casaram e viveram felizes, assim na Terra como no Céu.

Casos semelhantes aconteceram desde os tempos dos Leme, dos Alves de Oliveira, razão de vários enforcamentos coercivos e disciplinadores. Por aqui a mulher não era apedrejada, mas o caboclo assanhado era castrado.

Em 1.943, por exemplo, uma aluna do nosso Ginásio, ao ser rejeitada pelo assustado colega de classe que a engravidara, suicidou-se.

Outro caso, o de uma 'italianinha', foi diferente --- coitadinha, magrinha, uma aluna aplicada, despertando cuidados da mãe tal o enjôo e os desfalecimentos, foi amparada pelo namorado afoito.

A mãe dessa normalista apareceu na farmácia pedindo-me logo 2 vidros de Biotônico Fontoura, um fortificante tiro e queda, disse-me o Júlio.

Enquanto empacotava os vidros, prosseguiu o narrador, a senhora notou alguma estranheza em meu sorriso, a minha desconfiança, natural em farmácia, um confessionário de asneiras.

A filha mostrava sinais da tísica, fraquinha, com algum vômito e estaria precisando de uma boa dosagem do fortificante, repetia a bondosa mãe, inocente como o beijo do Judas.

Sugeri a levasse ao consultório do Luiz Monteiro, o Anjo das Anunciações de Italiápolis que de bom humor teria dito --- nunca soube que o Espírito Santo gostasse de biotônico!

--- Espere, já volto, disse-me o professor, tenho outra, o do Espírito Santo que baixou na piscina do Marconi.

Obedeci, sabia do caso, mas fiquei curioso pelos detalhes que viria daquela fonte. Alguns instantes, o homem retornou sorrindo.

--- Lembra-se da história da Nair? Como não? Foi no seu tempo de Ginásio! Acha que iria esquecer?

A menina de fato era uma boneca, cheia de encantos e a ninguém seria dado esquecê-la. Tínhamos, naquele tempo, inveja do nosso colega, o discreto e 'inocente'namorado.

O anjo daquela anunciação foi verdadeiramente um Anjo Salvador. O Luiz salvou a pele do moço com um diagnóstico teológico --- a sua filha, ainda que grávida, é

uma virgem, assegurou o médico aos pais da menina. A cidade engoliu o blefe que foi assunto pra mais de mês.

Mudam-se as atrizes, o enredo é o xarope que se repete; primeiras experiências e as meninas descobrem o “segredo da encarnação”.

Diferentes são as interpretações no palco da vida, umas inocentes, outras 'patológicas' desavergonhadas.

Conhecemos uma menina, uma italianinha inocente, dessas mocinhas que acreditavam no tal “amor a primeira vista”. Chamava-se Flora e foi uma das nossas colegiais heroínas, pois conseguiu esconder a sua 'anúnciação' até às contrações finais. Bons tempos aqueles em que o pudor falava mais alto.

E o professor farmacêutico, naquela tarde, bem ao seu jeito acabou com a conversa, soltou uma última frase, deu as costas e saiu: “em Italiápolis, o espírito vive no meio das pernas, ninguém vê, ninguém sabe...”.